

OS NOVOS VENTOS

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

“O futuro chegou. O que vamos fazer a respeito disso?”

Em artigo no último número da STAB, abordamos a questão da fome mundial, de toda uma geração que lutou e ainda luta pela sua redução, que tem tudo a ver com a diminuição das disparidades de renda entre os países e nos países. Essa geração cresceu e amadureceu com o paradigma dos países pobres e dos industrializados, na visão do capital permanecendo no mundo rico e a ideologia da esquerda radical nos rincões pobres; a dominância total, no pós Guerra Fria, sendo dos EUA. Essa geração foi ensinada que o Brasil era o país do futuro; que países concentrados na produção de commodities agrícolas sempre seriam pobres e incultos; que a locomotiva do mundo era o hemisfério norte ocidental. As aulas também ensinavam que o cerrado era ruim para a agricultura e que o Brasil não tinha petróleo e seria sempre importador.

Ao final da década de 1980, com a queda do Muro de Berlim, associou-se ainda mais a vitória do capitalismo ao predomínio norte-americano e da Europa Ocidental, com a montagem dos Blocos comandados pelos EUA e Europa, tendo como “reação” a montagem dos Blocos tipo Mercosul, Sul da África e Asiáticos. Não ser parte da ALCA (livre comércio das Américas), por exemplo, era condenar-se a um futuro pobre e triste.

Na entrada do novo milênio e na primeira década do século XXI, o que se viu foi, por um lado, um processo de dominância ocidental pela força (vide EUA e União Européia no Iraque), no objetivo de controle de reserva de petróleo e, de outro lado, o processo da crescente dependência da Europa por energia da Rússia, que passa a impor, via Gás Natural e Petróleo, as regras de sua dominância. Nesse processo, a estatização global das reservas de petróleo reduz o peso das grandes empresas de petróleo no mundo, reduzindo investimentos em novas reservas em período de fabuloso crescimento econômico mundial.

O mundo cresce 5% ao ano, o que leva a um crescimento espetacular no consumo de alimentos e de petróleo, com a locomotiva China carregando um crescimento de 8 – 10% ao ano! O que significaria isso? Significa, que a China, com um governo socialista de um partido só, com operação capitalista e um movimento extraordinário de crescimento, passa a dividir a liderança global com os EUA e deverá ultrapassar os Estados Unidos como maior potencia global em 2021!!

Quando chega a crise de crédito de 2008, o que até então era visto por muitos como uma ficção ou o absurdo, se efetiva de modo contundente: os países emergentes já são a locomotiva do mundo e carregam os países ricos na difícil recuperação de suas economias, desgastadas e com crescimento lento.

Cresce de importância os países da sigla “BRIC”, emergentes de peso, onde o Brasil e, a China passam a dominar a recepção aos novos

investimentos do capital estrangeiro. O Brasil, classificado como “investment grade”, teve ainda mais abertas as portas para esse investimento.

Enquanto os países desenvolvidos crescem lentamente, há claras possibilidades do Brasil, crescendo 6% ao ano, ter o dobro do crescimento dos últimos 15 anos! O mundo, segundo Otávio de Barros (Bradesco), vê o Brasil de forma generosa e isso tem a ver com o seu amadurecimento macroeconômico e institucional. Além disso, vale ressaltar, o Brasil tem uma grande vantagem competitiva, inequívoca, em bens de que terão alta demanda nos próximos anos.

Assim caminhado, os novos ventos, ou melhor a ventania nova, empurra o Brasil que se descobre importante (“nunca antes neste país.....”), como exportador de commodities e “quase commodities” na cadeia produtiva do mais vivo ingrediente do Brasil: o agronegócio! Muitos analistas apostam na tendência de que os preços relativos continuarão, pelo menos pelos próximos dez anos, a favorecer commodities em detrimento de manufaturados.

Essa ventania acompanhada de raios e trovões, traz consigo as areias do tempo, os preconceitos, os “problemas resolvidos que não saem da nossa mente” (como diria o meu amigo Oscar Figueiredo Filho), mas por outro lado, limpa as nuvens e as névoas e traz à visão de todos a óbvia constatação que o Brasil é pródigo em recursos naturais e vive uma democracia consolidada. Ao luxo de ter terras e água sobrando, o Brasil desenvolveu tecnologia tropical que o faz país de ponta em agricultura.

Mesmo com céu de brigadeiro, do pós-ventania, ainda se escutam os trovões do atraso, da má-fé e do interesse contrariado.

De repente a Shell descobre a cana-de-açúcar e se torna a sua maior produtora no Brasil!! A BP segue o caminho e a Petrobrás continua nessa estrada. As outras grandes petroleiras buscam atalhos.

O Brasil é o emergente com uma enorme oportunidade. No desenrolar dos fatos pós-1980, com a incrível penetração do conceito ambientalista, tem combustível líquido e energia elétrica renováveis que assombram o mundo. Isso acontece com um momento seu especialmente favorável em mobilidade social crescente, com um consumo interno extraordinário e que só faz aumentar. Também, vale dizer, ainda carrega o fardo do preconceito e da ignorância que, por exemplo, faz existir dois Ministérios da Agricultura, ONGs que satanizam o agronegócio, falta logística e infraestrutura e, fundamental, serão as mudanças nos campos tributários, trabalhista e jurídico, no campo fiscal, da educação e da saúde.

Ideologias à parte, o aquecimento global como a maior distorção de mercado é constatação global unânime, que vem produzindo acentuada aceleração nas expectativas de mudanças: os novos ventos, mais quentes que os de antes, provocam acidentes climáticos e destroem bens e sonhos no mundo todo. É preciso reagir!



Fonte: Revista The Economist, Março/2010



Fonte: Revista Exame, 24/02/2010

TIPO	REDUÇÃO NAS EMISSÕES DE CO2	EXEMPLO
Convencional	20%	Etanol de Milho – EUA 
Avançado	50%	Etanol de Cana – Brasil (Análise da EPA - 61% contra Europa – 71% e Outros - 89%) 
Celulósico	60%	Etanol de outros tipos de resíduos orgânicos 

Mas os impactos vem a jato e as reações a camelo (certamente haverá os que defenderão o camelo lento mas menor consumidor de energia, ao mesmo tempo em que haverá os que se preocuparão com os gases emitidos pelo camelo, numa alusão a que muitos fazendo o trabalho contribuirão ao efeito estufa).

Primeiro veio a aprovação, pela Agência Ambiental Norte-Americana (EPA), do etanol brasileiro como avançado, o que força a porta central cuja tranca é a taxa de importação ao etanol; ao mesmo tempo a Fiat pede combustíveis verdes, a Shell vira produtora do verde e a Petrobrás ensaia efetivo crescimento no verde!

Em seguida, veio um estudo conduzido pela (FPR – International Food Policy Research Institute, a pedido da Comissão da União Européia, com o título de “Comércio Mundial e os Impactos Ambientais dos Mandatos dos Biocombustíveis na União Européia”. Esse estudo foi consequência de um pedido da Comissão Européia preocupada com o uso indireto da terra na Europa e outros locais para os biocombustíveis, levando a claras sugestões como fazer a liberalização das importações de etanol do Brasil sem taxas e a importância de sua certificação. Trata-se de outro importante suporte nas mesmas lógicas do que fez a EPA nos EUA e é consequência dos bons resultados da sua análise sobre a qualidade do etanol da cana-de-açúcar e sua tecnologia de primeira geração.

Há anos atrás (não muitos), os defensores da visão que o mundo do Século XXI será igual ao que foi no Século XX do petróleo, não sequer imaginavam que a biotecnologia transformaria leveduras que fazem a fermentação de açúcares, fazendo-as continuar a digerir os açúcares dos caldos e eliminar produtos que não são o etanol ou o álcool mas hidrocarbonetos renováveis! Ainda é um sonho para muitos, mas a biomassa irá gerar diesel, gasolina, jet fuel, etc, sem queimar petróleo.

Há anos atrás, a mão-de-obra e, hoje, o processo de mecanização agrícola, direcionado por lei para substituir essa mão-de-obra que está sendo treinada para outras funções no setor.

Há anos atrás o bagaço da cana era sinônimo de inutilidade ou, no máximo, de volumoso em alimentação animal. Hoje, ele é responsável por 4,4 mil GWH de produção de energia elétrica limpa no Brasil, recebendo créditos de carbono.

Há anos atrás, o Brasil só tinha variedades de cana importadas ou produzidas pelo IAC (Campinas) e Ministério da Agricultura (Rio de Janeiro). Hoje, são vários institutos públicos e privados produzindo-as e já se tem o mapeamento genético da cana-de-açúcar, com novas variedades GMO prontas para serem lançadas.

Há 5 anos atrás, o capital externo era 12% no setor. Hoje, está entre 23% e 25% e crescendo rápido.

A essa animação toda, o leitor é chamado a ouvir que se não mudar a legislação ambiental brasileira (Código Florestal) o produtor vai ter que devolver terras à União (a tal da malfadada Reserva Legal), que foi, via Governos de plantões anteriores, quem o estimulou a avançar..... “plante que o João garante.....” . Preocupado, ele busca a agenda dos candidatos a Presidente da República, dizendo a que virão.... mas os novos ventos as levaram.... esse, o grande risco do País!.